

Turismo, desenvolvimento local e as festas religiosas de Natividade, Tocantins – Brasil

Poliana Macedo de Sousa*

Instituto Federal do Amapá (Brasil)

Jose Rogério Lopes**

Universidade Federal do Tocantins (Brasil)

Resumo: Este artigo apresenta a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, principais festas religiosas de Natividade, cidade localizada no estado do Tocantins – Brasil, como motivadoras do turismo religioso na região. A pesquisa relata ainda, o cenário atual das políticas de turismo implementadas no estado do Tocantins para a região de Natividade, nas quais não há foco para turismo religioso e sim para o ecoturismo. Entende-se que as festas religiosas movimentam a economia local, o turismo e toda uma cadeia de serviços que acaba por reunir diversas pessoas e que as mesmas, ainda podem traçar um modelo de desenvolvimento local como alternativa para o turismo na região.

Palavras-chave: Festas religiosas; Turismo; Religiosidade; Desenvolvimento local; Natividade; Brasil.

Tourism, local development and the religious festivities of Natividade, Tocantins - Brazil

Abstract: This article presents the Festival of Divino Espírito Santo and the Pilgrimage of Senhor do Bonfim, the main religious festivals in Natividade, a city located in the state of Tocantins, Brazil as motivators of religious tourism in the region. The research also reports the current scenario of tourism policies implemented in the state of Tocantins for the region of Natividade, where presently there is no focus on religious tourism but only on ecotourism. It is understood that religious festivals move the local economy, tourism and a whole chain of services that end up bringing together many people in the region and that there is still time to outline a model of local development as an alternative for tourism in the region.

Keywords: Religious festivals; Tourism; Religiosity; Local development; Natividade; Brazil.

1. Introdução

Natividade, cidade histórica da região sudeste do Tocantins, foi fundada na segunda metade do século XVIII, pelos colonos portugueses que buscavam ouro naquela região. A cidade possui edificações seculares, mantém preservadas muitas crenças, além de tradições folclóricas e festas religiosas.

Entende-se que Natividade segue um modelo de expressão cultural por meio de suas festas religiosas. A cidade está distante 220 km da capital do Tocantins, Palmas, e conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, possui população de 9 mil habitantes (com população estimada em 9.244 habitantes¹ no ano de 2019).

A cidade vive em torno de suas principais festividades religiosas ao longo do ano, de forma mais acentuada e sequencial a partir do mês de março ou abril, iniciando suas celebrações com a Festa do Divino Espírito Santo e seguindo até o mês de agosto com a Romaria do Senhor do Bonfim.

Conforme dados do IBGE, pode-se afirmar que a população de Natividade é religiosa devido 84,5% (7.604 pessoas) declararem-se católicos, 11,5% (1.036) evangélicos e 0,5% (43) espíritas. Com relação ao seu perfil econômico divulgado também pelo IBGE em 2013, a cidade possui Produto Interno Bruto (PIB) voltado principalmente para o setor de Administração e Serviços Públicos com 35,57%, seguido

* Instituto Federal do Amapá (Brasil); E-mail: polimacedo@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4009-3884>

** Universidade Federal do Tocantins (Brasil); E-mail: jsrgropes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4679-9666>

pelo setor de Serviços (25,06%) e Indústria (23,52%). Com relação à economia do município, Natividade possui 93% das suas receitas oriundas de fontes externas.

Com relação a sua infraestrutura, nos últimos anos, a cidade ampliou sua rede hoteleira – passou de dois para cinco estabelecimentos –, porém continua modesta, e houve a abertura de mais alguns restaurantes, inclusive no centro histórico. A partir de 2017 a presença da mídia na cidade se intensificou principalmente para a produção de novelas², programas jornalísticos, filmes³ e seriado da Netflix⁴, que impulsionou a procura pela cidade, e com isso, sendo mais divulgada nacionalmente (Santana Jr, 2017; Matos, 2017). “A cidade conta com algumas pousadinhas simples, alguns poucos restaurantes (o Casarão é o mais famoso) e uma sorveteria. Às sextas-feiras, uma feirinha movimentada o centro e é o grande ponto de encontro da comunidade” (Moreira, 2019).

Em Natividade, as festas religiosas movimentam a economia local (muitas vezes na informalidade), além do turismo e toda uma cadeia de serviços que acaba por reunir diversas pessoas nos dias que as antecedem, com destaque para as comemorações do Divino Espírito e principalmente no dia do Senhor do Bonfim, em 15 de agosto, reunindo milhares de visitantes que utilizam hotéis, pousadas, restaurantes e comércio local de forma geral.

2. Festas religiosas de Natividade: características, cultura e desenvolvimento

Considerada uma das mais antigas expressões do catolicismo popular brasileiro, a festa em culto ao Divino Espírito Santo é encontrada em diferentes regiões brasileiras, com dimensões próprias e peculiares. Para Amaral (1998: 200), a difusão da Festa do Divino no Brasil está diretamente vinculada aos percursos da colonização portuguesa e parecem ter tido início no Brasil nas áreas de mineração do ouro, como Minas Gerais e Goiás.

Não se sabe ao certo o início das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, porém há arquivos na Associação Comunitária e Cultural de Natividade (Asccuna) da realização da festa desde 1904⁵, com Hermenegildo da Silva como imperador do Divino. E, a partir da década de 1980⁶ até a atualidade, esses registros ficaram a cargo da Paróquia Nossa Senhora de Natividade e da própria Associação. Desde então, a festa é realizada anualmente e conta com a participação da população em todos os detalhes, seja na preparação ou simplesmente como devotos.

A festa do Divino Espírito Santo em Natividade segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada 50 dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, na qual símbolos com a pomba e a cor vermelha que representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

Dentre as peculiaridades dessa festividade religiosa, Natividade é uma das cidades do Tocantins em que se comemora a festa durante 50 dias. A festividade faz parte do cotidiano da comunidade local, pois a envolve em toda programação, mudando seus hábitos e sua rotina.

E, é a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias são inseridas nesse contexto e a devoção permanece. Regidos pelas regras de um código estabelecido durante anos, os devotos e foliões do Divino Espírito Santo acompanham esses ritos do que se pode ou se deve fazer em cada momento e o que não deve ser feito. Em determinados momentos, sendo protagonistas ou apenas coadjuvantes dentro dessa relação (Sousa, 2017).

Figura 1: Festa do Divino Espírito Santo: (A) Encontro das Folias do Divino; (B) Busca do Mastro reunindo devotos em procissão com velas de cera.



Fonte: (A) Flávio Pereira, 2010; (B) Poliana Macedo, 2010.

Na medida em que a cidade se sintetiza na festa e produz uma identidade, pode-se afirmar que um dos aspectos de uma identidade seria compartilhar um sentimento de país, de cidade, de bairro ou de coletivo em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse intercambiável. Nesses territórios, a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (Canclini, 2015: 190).

Hall (2002) e Canclini (2015), dentre outros, apresentam que identidades culturais são definidas a partir de pontos de identificação através da cultura e história onde é formada por meio do tempo vivido (passado e presente) por determinada sociedade e, além disso, essas identidades estão em constantes construção e reconstrução dentro do ambiente temporal e influenciadas pela memória individual e coletiva dessa comunidade. Nessa perspectiva, “a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória” (Boll & Oliveira, online).

Outra festa religiosa que movimenta Natividade é a Romaria Senhor do Bonfim que acontece na comunidade de Bonfim, distante 23 km da sede do município. Realizada no mês de agosto, a Romaria é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins. É um evento que atrai pessoas de várias localidades e desenvolve um papel regional relevante.

Segundo Souza (2012: 228),

A procura acentuada pela comunidade de Bonfim por motivos religiosos - movimento que, segundo a Igreja local, data do século XVIII -, começa a se desenvolver mediante a uma crença mitológica que ainda hoje é forte. Um vaqueiro teria encontrado, em um ambiente pantanoso, a imagem do Senhor do Bonfim sobre um tronco de madeira e quando a retirava do local e a levava para a igreja de Natividade, ela reaparecia na mesma paragem onde havia sido encontrada. Segundo a crença popular, esse movimento de ida e volta da imagem, impulsionado pela vontade do “Senhor do Bom Fim”, teria ocorrido repetidas vezes⁷.

Registros da existência e movimentação de milhares de pessoas para a Romaria já datavam antes de 1883, data na qual “o Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leão faz uma visita pastoral em toda a sua diocese, alcançando também já a Romaria do Senhor do Bonfim e Porto Nacional” (Pedreira, 2016: 29).

A Romaria se destaca por reunir milhares de pessoas, peregrinos e comerciantes de diversas localidades, que aproveitam o movimento de pessoas para repassarem seus produtos. É a mistura do sagrado e do profano, simbolizando um ambiente social e econômico de trocas e confirmação de identidade e cultura.

Figura 2: Chegada da imagem do Senhor do Bonfim para a missa campal no dia 15 de agosto.



Fonte: Simone Camelo, 2019.

É no Bonfim que as famílias se reúnem, os amigos se reencontram, tem churrasco, tem festa, compram alguma novidade e tem reza. “Durante as festas religiosas tradicionais, o fluxo turístico é gerado tanto por questões religiosas como por outras razões, especialmente no caso daquelas que apresentam significado histórico e cultural relevante e são, muitas vezes, associadas a programas com eventos não religiosos” (Dias & Silveira, 2003: 28).

É por meio dessas festividades religiosas que se percebe os modos de festejar de uma comunidade, os quais revelam muito sobre sua identidade, pois neles estão presentes todas as suas características principais como as comidas típicas, a música, o artesanato, a dança, entre outros. E essa transmissão e valorização de determinada cultura depende da tradição de cada comunidade.

[...] A tradição (“nossa herança cultural”) mostra-se de modo claro como um processo de continuidade deliberada, embora, analiticamente, não se possa demonstrar que alguma tradição seja uma seleção ou re-seleção daqueles elementos significativos recebidos e recuperados do passado que representam uma continuidade não necessária, mas desejada. [...] esse “desejo” não é abstrato, mas efetivamente definido pelas relações sociais gerais existentes (Williams, 1992: 184-185).

Ao celebrar festas religiosas os sujeitos se unem por meio dessas práticas culturais, seja ao dançar, cantar ou rezar, sem contar ainda com as promessas, as romarias, as procissões e os festejos, pois a religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade.

As festas religiosas católicas em Natividade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam para manter a tradição, fazendo com que essa mesma acabe por se tornar uma característica local, ou seja, criando uma identidade cultural. Com isso, ressalta-se que o estudo dessas festas não pode ser feito de modo estanque, sem correlacioná-las com a vida cotidiana, suas rotinas, especialmente com o mundo do trabalho. Elas fazem parte daquele universo do ‘lazer’, no qual as classes populares ingressam de modo mais intenso ao conquistar o direito do ‘ócio’, privilégio historicamente desfrutado pelas classes abastadas (Melo, 2000: 58).

Beltrão (1980: 61) afirma que a celebração das festas católicas decorre de um calendário religioso baseado no ano litúrgico, de amplitude universal e que assume caráter especificamente regional ou local, “quando se trata de comemorar o ‘dia do padroeiro’, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores”.

A comunidade católica nativitana reúne-se em torno desses cultos, unindo o sagrado e o profano em uma mesma celebração. E nessa celebração, tal união produz representações que passam a ser vistas como expressões de uma “consciência coletiva”, na qual pode-se observar que existe a transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva (Durkheim, 2008).

Atualizando essas referências, Canclini (2015: 220) afirma que

[...] os fenômenos culturais folk ou tradicionais são, hoje, produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações.

Farias (2005) vai além do tradicional sobre processos híbridos e trata as festas, neste caso, as festas religiosas, como o “casamento” da cultura com a economia, em que, ao adquirirem relevância social e cultural, também surgem como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico e modernização local e regional.

Nesse contexto, segundo Yúdice (2004:11), os rituais e as práticas do dia-a-dia como canções, lendas populares, culinária, costumes e ainda, outras práticas simbólicas, também podem ser vistos como recursos para o turismo e para a promoção do patrimônio. “A noção de cultura como recurso pressupõe seu gerenciamento, uma perspectiva que não era característica nem da alta cultura nem da cultura cotidiana no sentido antropológico”.

Assim, esses registros das abordagens analíticas sobre festas religiosas, mesmo que sucintos, permitem reconhecer um campo de implicações entre religião, cultura e economia que se forma em torno das mesmas. A questão, adiante, é refletir sobre o potencial que tais implicações assumem, como lógica possível de desenvolvimento para Natividade.

3. Turismo como fator de desenvolvimento

De forma geral, a associação entre turismo e desenvolvimento se respalda nas oportunidades de crescimento de PIB e renda. Sen (2010), por outro lado, argumenta que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob esse viés. Segundo sua teoria, o desenvolvimento deve expressar o êxito de uma sociedade, com base nas liberdades substantivas de que os indivíduos desfrutam,

[...] embora esses fatores contribuam diretamente para a expansão da liberdade da sociedade, ele não pode ser considerado um fim em si mesmo, uma vez que o desenvolvimento deve ser relacionado com a melhora de vida dos indivíduos e com o fortalecimento de suas liberdades (Oliveira, 2016: 33).

Oliveira explica ainda que o processo de desenvolvimento depende de muitas variáveis, como: a industrialização, o progresso tecnológico, a modernização social e as disposições sociais e econômicas. Com isso,

[...] após várias décadas buscando a promoção do desenvolvimento econômico por meio do crescimento econômico, está se redescobindo que este, por si só, não é suficiente. Haja vista que se pensa cada vez mais no modo como as pessoas são afetadas pelo processo de crescimento, ou seja, se os incrementos positivos no produto e na renda total estão sendo utilizados para promover o desenvolvimento humano (Oliveira, 2016: 36).

No caso de Natividade e da promoção do desenvolvimento local, onde estão o poder público e suas políticas públicas? Oliveira (2016: 61) citando Dowbor (2001) esclarece que no cenário atual, o poder público assume o papel de articulação do desenvolvimento, e não, promoção. “Os agentes locais deixaram de ser objetos, passando a ser sujeitos do seu desenvolvimento e, ainda, que o poder público não é mais o provedor e, sim, o articulador do desenvolvimento econômico”.

Ainda para Oliveira (2016: 61),

[...] o Estado precisa apenas intervir no sentido de buscar conhecer as potencialidades das regiões, considerando que cada região apresenta características diferentes, buscando, inclusive, políticas para as regiões mais atrasadas, com o intuito de minimizar as diferenças regionais, procurando fazer com que ocorra o efeito multiplicador entre as regiões.

O que se tem buscado são políticas públicas voltadas à promoção do desenvolvimento econômico com base direcionada para o desenvolvimento regional e com a interação de todos os agentes envolvidos no processo, sendo eles comunidade, poder público, entidades privadas, paraestatais e demais. Bem como, tem-se o desenvolvimento endógeno que deve ser entendido como um processo em que se priorizam as potencialidades locais, “seja os de recursos humanos, os institucionais, os físicos e os de empreendedorismo, para procurar atingir as metas desejadas e estabelecidas no âmbito do planejamento estratégico da região” (Martinelli & Joyal, 2004: 68).

Ao atrelarmos turismo e desenvolvimento, em escala global, o turismo é um fenômeno amplo e crescente com uma gama de impactos socioculturais, econômicos, ecológicos e políticos, e que é frequentemente utilizado como instrumento para o desenvolvimento econômico. “Embora tenha uma infinidade de elementos e dimensões, o turismo como atividade é frequentemente visto – às vezes apenas – através de uma lente econômica” (Saarinen, 2016: 1).

Assim, mesmo de uma perspectiva econômica, o turismo nem sempre é “apenas uma economia”, mas também uma forma de governar localidades com implicações nos meios de subsistência locais, modos de vida, redes sócio-políticas, cultura, biopolítica, acesso a recursos e meio ambiente, e assim por diante (Saarinen, 2016: 1).

Dias e Silveira (2003) expõem que a atividade turística envolve o movimento de pessoas, que se deslocam de um local para outro, e esse deslocamento, bem como a permanência das pessoas que estão longe do seu local de origem ou local de moradia, ocasionam alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais.

O turismo tem efeito direto e indireto na economia de uma localidade ou região, que beneficiam ainda os setores ligados indiretamente ao fenômeno turístico. Na região, qualquer município pode se beneficiar do turismo, mesmo não tendo a presença do turista no município. E essa relação se dá por

meio do fornecimento de bens de consumo, como por exemplo, artesanato, alimentos, mão de obra, dentre outros (Barbosa, 2005).

Dentre as condições indispensáveis para que haja o desenvolvimento do turismo em uma localidade, com a divulgação de seus elementos culturais e simbólicos, deve-se entender que é pelo “respeito às singularidades inerentes a cada região e a participação da comunidade enquanto agente de primeira ordem no desenvolvimento da atividade” (Pimenta & Pereira, 2017: 13) que haverá essa mudança.

Para Talavera (2003), o turismo é constituído como um sistema que engloba vários processos de interação e diversos agentes como a população local, turistas, trabalhadores estrangeiros, empresas, macroempresas e microempresas, sem contar com a gama de lugares carregados de significados e simbolizações.

Dentro desses processos de interação promovidos pelo turismo, atores como o poder público, associações e demais, buscam, como forma de preservar a cultura local e também promover o turismo, reforçar um discurso em que

[...] os bens naturais e/ou culturais que dão coesão e grandeza a um imaginário do passado e da tradição, esses lugares, foram resgatados, preservados e guardados desde então, não tanto por sua funcionalidade para as populações locais, mas pelo mero monumentalismo/conservacionismo, embora para esse fim seus usos devam ser limitados, seus estilos adornados e suas histórias recriadas (Talavera, 2003: 33) (tradução nossa).

Ao analisar o turismo, deve-se entender ainda dois aspectos primordiais: o interesse dos turistas e o interesse do local que recebe os turistas. “O relacionamento entre essas duas partes produz resultados que levam o local visitado ao desenvolvimento econômico, à medida que a localidade se organiza e dinamiza o setor turístico” (Barbosa, 2005: 108).

Uma vez que, assim como explicam Dias e Silveira (2003), o turismo compreende tanto a viagem até o destino, como as atividades realizadas durante a estada, “não importando o motivo pelo qual foi realizada a viagem, o turismo inclui serviços e produtos criados para satisfazer as necessidades dos turistas” (Dias & Silveira, 2003: 13).

E, independente da motivação da viagem, é necessária a existência de equipamentos turísticos porque só os recursos naturais são insuficientes para garantir a permanência dos viajantes no destino, como aqueles que viabilizam o deslocamento e assegurem a permanência, por exemplo: hotéis, restaurantes, agências, táxi, meios de telecomunicação dentre outros. É necessário que sejam gerados produtos e serviços para atender as expectativas e as necessidades demandadas pelo turismo.

A partir desses apontamentos iniciais acerca do turismo e seu papel como vetor do desenvolvimento local, analisa-se a seguir, como o estado do Tocantins vislumbra o turismo em seu território e como, por meio das políticas de regionalização do Ministério do Turismo, tem atuado até então.

3.1. Turismo no Tocantins: Serras Gerais e as estratégias para o desenvolvimento local

O estado do Tocantins possui, em seu território, atrativos naturais como cachoeiras, rios, desertos e serras, o que tem despertado o interesse de turistas ao passar dos anos, principalmente após a divulgação massiva das belezas naturais, que passou a incitar a população a vir e conhecer o recém-criado Tocantins.

Entre os anos de 2018 e 2019, devido o processo político que passou o estado do Tocantins, com a cassação do Governador Marcelo Miranda, a eleição suplementar para um novo governador (com sete meses de mandato), e ainda, a reeleição do suplementar, no caso o Governador Mauro Carlesse, as políticas públicas e ações estratégicas para diversas áreas estiveram em *stand-by*.

Em 2019, a então Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins (SEDEN) desmembrou-se, tornando-se autarquias por setor. Com isso, o desenvolvimento dos setores de turismo, cultura e a economia criativa ficaram sob responsabilidade da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC).

No que tange ao turismo, em seu site institucional, a ADETUC reforça as características naturais do Tocantins como atrativos para o turismo.

Diante disto, e por meio das ações do Ministério do Turismo, foi que a partir de abril de 2004, foi lançado o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil com o objetivo de descentralizar e regionalizar as políticas públicas buscando resultados socioeconômicos do território.

Em 2015, o Ministério do Turismo (MTur) adotou uma nova metodologia para categorizar os municípios brasileiros⁸. A partir de quatro variáveis de desempenho econômico: número de empregos, de estabelecimentos formais no setor de hospedagem, estimativas de fluxo de turistas domésticos e

internacionais, categorizando os 3.345 municípios do Mapa do Turismo Brasileiro de A até E (Ministério do Turismo, 2015a).

Ainda segundo informações do Ministério do Turismo, a categorização é um instrumento previsto como uma estratégia de implementação do Programa de Regionalização do Turismo e permite tomar decisões mais acertadas e implementar políticas que respeitem as peculiaridades dos municípios brasileiros.

Desse programa de regionalização, no Tocantins, sete regiões turísticas foram identificadas de acordo com suas características geográficas e de atrações turísticas. As regiões são Serras e Lago, que inclui a capital, Palmas; Encantos do Jalapão; Praias e Lagos do Cantão; Bico do Papagaio; Ilha do Bananal; Serras Gerais e Vale dos Grandes Rios.

Segundo informações do site da ADETUC (2019), a formação de regiões turísticas, pela integração de municípios, mostrou-se a melhor forma de incluir no processo de desenvolvimento os municípios que ficavam à margem da implementação de políticas públicas. Por meio do desenvolvimento regional, esses municípios podem se beneficiar, de alguma forma, da atividade turística.

Atualmente, existem dois programas de incentivo ao desenvolvimento do turismo no Tocantins, sendo eles: o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) e o Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDTIS).

Pelo PRODETUR, criado pelo Governo Federal no âmbito do Ministério do Turismo, se busca organizar intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, por meio de ações voltadas para o planejamento de regiões turísticas, com vistas à obtenção de crédito de financiamento externo. Nele, a prioridade será dotar de infraestrutura e de equipamentos as regiões turísticas, neste caso, só nos Polos de Palmas, Jalapão e Cantão para promover a qualificação na prestação dos serviços turísticos, apoiar a produção associada ao turismo, estruturar a oferta e dar qualidade aos produtos além de, fomentar projetos de base comunitária e aumentar a geração de renda das comunidades locais com mínimos impactos ambientais. Ainda, pelo PRODETUR, foram autorizados US\$ 120 milhões, sendo US\$ 72 milhões financiados pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina- CAF e US\$ 48 milhões de contrapartida do Governo do Estado.

Em 2019, após as turbulências políticas ocorridas no Tocantins, iniciou-se a implantação do Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDTIS), que é o instrumento de planejamento do turismo em uma área geográfica selecionada, que tem por objetivo principal orientar o crescimento do setor em bases sustentáveis, em curto, médio e longo prazo, estabelecendo as bases para a definição de ações, as prioridades e a tomada de decisão (Adetuc, 2019).

Por intermédio desse plano, a ADETUC atua junto aos agentes públicos, privados e grupos sociais no desenvolvimento das atividades turísticas. Na teoria, o PDTIS deve orientar o poder público com relação aos marcos legais e institucionais para facilitar o pleno desenvolvimento do turismo nas áreas prioritárias. O Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDTIS) dispõe de US\$ 300 milhões de financiamento do Banco Mundial e US\$ 75 milhões de contrapartida do Governo do Estado.

Contudo, atualmente estão sendo elaborados os Planos das Áreas Turísticas, mais uma vez, o Polo do Jalapão, Polo do Cantão e Polo Palmas. E estão sendo elaborados os PDITS de outras quatro regiões turísticas do Estado: Serras Gerais, Ilha do Bananal, Bico do Papagaio e Vale dos Grandes Rios (Adetuc, 2019).

Outro programa, paralelo ao do governo do Tocantins, é o Investe Turismo, que também pretende identificar oportunidades de negócios, políticas públicas e outras ferramentas oferecidas para potencializar o desenvolvimento da atividade turística local. No estado, a rota é dividida em duas regiões turísticas: Encantos do Jalapão, que compreende as cidades de Mateiros, Ponte Alta do Tocantins e São Félix do Tocantins; e Serras e Lagos, que contempla a capital, Palmas. O Programa Investe Turismo é resultado de uma parceria do Sebrae Nacional, Ministério do Turismo e Embratur e prevê investimentos de cerca de R\$ 200 milhões em todo o país (ASN/TO, 2019).

Percebe-se que os principais programas de investimento do Tocantins para o turismo, sejam eles com ou sem financiamento estrangeiro ou federal, estão direcionados, prioritariamente, para as regiões de Palmas, Jalapão e Cantão. E as demais regiões? Quando serão “visibilizadas” pelas políticas de desenvolvimento?

O Tocantins tem 42 cidades agrupadas nas categorias de A até E. Palmas, assim como todas as capitais brasileiras, ficou na categoria A, que representa os municípios com maior fluxo turístico e maior número de empregos e estabelecimentos no setor de hospedagem. Outros cinco municípios do estado foram inseridos nessa categorização, sendo Araguaína na categoria B e as cidades de Dianópolis, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional na categoria C. As 36 cidades restantes foram categorizadas como

D e E. O conjunto de municípios dos grupos D e E, reúnem características de apoio às cidades geradoras de fluxo turístico. Muitas vezes são aquelas que fornecem mão-de-obra ou insumos necessários para atendimento aos turistas (Ministério do Turismo, 2015a).

As Serras Gerais, uma das sete regiões turísticas do Tocantins, conforme o Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo, estão localizadas na região sudeste do estado, fazem parte da maior cadeia de serras do Brasil e, além das maravilhas naturais, guardam tradições, arquitetura colonial, história e cultura como as Cavalhadas, as festas do Senhor do Bonfim e do Divino Espírito Santo, entre outras festas folclóricas e religiosas herdadas do colonialismo e da era do ciclo do ouro, como em Natividade (Turismo Tocantins, 2019).

Os municípios que estão na região das Serras Gerais estão classificados, em sua maioria, na categoria D, sendo eles: Almas, Arraias, Pindorama, Rio da Conceição, Taguatinga. A cidade de Aurora do Tocantins está classificada como E. Natividade, objeto de estudo desta pesquisa, está na categoria D (Ministério do Turismo, 2015b).

No Portal de Turismo do Governo do Estado, no endereço <http://turismo.to.gov.br>, que tem como objetivo divulgar os atrativos turísticos no Tocantins, as categorizações estão divididas nas áreas de Artesanato e Cultura, Ecoturismo e Aventura, Negócios e Eventos, Gastronomia de Negócios, Sol e Praia, Esporte e Náutica e Pesca Esportiva. Não há categorização para visitação voltada ao Turismo Religioso, característica essa que é pouco mencionada nos materiais promocionais do turismo no Tocantins.

Natividade é citada na região das Serras Gerais e, no próprio Portal é apresentada como a cidade que se destaca pela sua charmosa arquitetura colonial, festas religiosas, folclore e gastronomia, mas não há um aprofundamento e destaque para as festas religiosas realizadas no município. A cidade está presente nos pacotes turísticos das agências de viagens, bem como possui legislação própria sobre a regulamentação da atividade turística.

Nos roteiros das agências, disponibilizados em sites na internet, Natividade integra os pacotes como vivência cultural por meio da capoeira, dança suça, confecção de biscoitos amor-perfeito, além de passeio pelo centro histórico. Não há diferença no roteiro na época das festas religiosas da cidade.

Como inserir o turismo religioso nesse projeto de desenvolvimento do turismo para a região de Natividade? Seria este o momento de ampliar o olhar do turista, não só para o ecoturismo ou turismo de aventura, como também para o turismo religioso?

Em abril de 2019, a Adetuc realizou um seminário com os representantes dos municípios que integram a região das Serras Gerais, com o tema “Serras Gerais: caminhos a serem percorridos”. Foram apresentadas as demandas dos municípios e a apresentação do portfólio da região. A reunião também serviu para elaboração de um inventário de toda a estrutura turística dos municípios de Arraias, Almas, Aurora, Dianópolis, Lavandeira, Rio da Conceição, Natividade e Taguatinga (Machado, 2019).

Na pauta, também serão discutidos assuntos relacionados ao diagnóstico da infraestrutura considerando acesso, comunicação (telefonia e internet), Centro de Apoio ao Turista (CAT), secretaria municipal e seu aporte técnico e estrutural, modelo de governança, saneamento, segurança; atualizar a promoção do Estado incluindo Serras Gerais no site, folheteria, vídeos e todos os demais veículos de distribuição da imagem do turismo de Tocantins; viabilização da presença das Serras Gerais nas feiras contando com crachás de expositores para que possam ter acesso a rodadas de negócios e outras articulações; valorizar a imagem das Serras Gerais nas plotagens de stands promocionais; fomentar os registros no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur); apoiar o fortalecimento do fórum regional e a participação da região no fórum estadual; sinalização turística, dentre outros (Machado, 2019).

Outro evento que abordou também o potencial turístico da região das Serras Gerais e envolveu as entidades públicas foi realizado em Dianópolis, no mês de junho de 2019, foi promovido pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) por meio do Programa UFT Social, que foi lançado em 2018 e visa aproximar a Universidade e suas soluções dos municípios, de modo a fomentar o potencial de cada um e também atender demandas básicas nas áreas de saúde, formação de professores, saneamento básico, implantação de planta genérica de valores e plano diretor (Lima, 2019).

Em setembro de 2019, o Sebrae Tocantins, com apoio do Governo do Tocantins, Ministério do Turismo, Prefeitura de Natividade, Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR) e Associação de Turismo das Serras Gerais (Assegtur), realizou em Natividade o Fórum Efeitos do Turismo no Desenvolvimento Regional - Serras Gerais, com o objetivo de debater o turismo pelas óticas do desenvolvimento regional, do associativismo e do cooperativismo e das oportunidades de crédito e financiamentos.

Nesse evento, a ADETUC apresentou os projetos da pasta voltados ao fomento da pesca esportiva, do turismo de observação de aves. Especialmente sobre as Serras Gerais, foi enfatizada a acessibilidade da região, porém os projetos precisavam oferecer sustentabilidade social, ambiental e econômica. Já o Ministério do Turismo expôs que a região tem que se estruturar, qualificar e divulgar os destinos para que o próprio povo seja beneficiado com qualidade de vida e geração de renda (Fontes, 2019).

No evento ainda, para o Sebrae, a região tem todas as condições de crescer por intermédio do turismo, que é o setor da economia que mais vai se desenvolver nos próximos anos e que os produtos estão formatados, agora é preciso comercializar. Os produtos apresentados pelo Sebrae como “formatados”, em Natividade, especificamente, são o Biscoito Amor-Perfeito e o Grupo de Suça Tia Benvida. No entanto, não se discutiu sobre o turismo religioso.

Para a cidade de Natividade, além dos atrativos naturais como cachoeiras, cavernas e rios, há o turismo cultural, devido à preservação da sua arquitetura colonial, tomada como patrimônio, e ainda o turismo de experiência, adotado pela fábrica de biscoitos Tia Naninha e pelo grupo de dança de Suça Tia Benvida.

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural. Para Dias e Silveira (2003: 17), “devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região”.

Seria então, por meio do turismo religioso, que os atores que agenciam o patrimônio e o turismo poderiam encontrar alternativas para tornar Natividade não apenas um destino de ecoturismo e turismo cultural, como também um destino religioso? Ou ainda, a religião tem força de atração para se sobrepor aos agenciamentos patrimoniais e turísticos, ou ela somente os replica?

Para tanto, precisa-se entender o turismo religioso e suas características, para então conseguir orientar um modelo de desenvolvimento local, com base nas ações de todos os atores sociais, para que as festas religiosas de Natividades possam ser a centralidade desse modelo de desenvolvimento.

3.2. Turismo religioso em Natividade: qual caminho?

Para diversos autores, a prática do turismo religioso não pode ser balizada apenas como o ato de viajar, mas sim, por todo um complexo de valores e crenças inerentes de cada indivíduo (Terzidoua, Scarles & Saunders, 2018; Prazeres & Carvalho, 2015).

A motivação primordial, em se tratando dos elementos que contribuem para o turismo religioso, é por razões religiosas. Contudo, o turismo religioso também integra o turismo cultural e “as viagens são, em regra, multifuncionais, mesmo quando o fator religioso domina. Como tal, as motivações de ordem religiosa não o impedem de desenvolver durante a viagem outras atividades de consumo turístico” (Alves, 2014: 78).

Dias e Silveira (2003) também explicam que o turismo religioso é uma viagem em que a fé é o motivo principal, mas que pode traduzir motivos culturais em conhecer outras manifestações religiosas. Os autores acrescentam ainda que o turismo religioso é aquele realizado por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso que são as romarias, peregrinações, visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.

Diante das transformações que, em muitos casos, tornaram difícil separar o que é religioso e o que é turístico no plano dos destinos, das tecnologias de deslocamento, das motivações, somos tentados a desistir de produzir distinções. Por outro lado, é fácil constatar como essas categorias – religião e turismo – são parte dos discursos de agentes que experienciam ou buscam interferir nas características de destinos, deslocamentos e motivações. Parece então que a tarefa está em estabelecer uma perspectiva a partir da qual essas categorias – e outras – em suas relações variadas são produzidas e agenciadas (Giumbelli, 2018: 28).

Para Lopes e Pereira (2017: 49), “os diferentes destinos turísticos não se distinguem somente pelos serviços e estruturas de lazer que proporcionam, senão que o fazem pela diferenciação que projetam de uma paisagem turística, como um lugar singular a ser habitado”.

O turismo brasileiro apresenta, a cada ano, números mais expressivos em relação ao segmento religioso. De acordo com dados preliminares do Departamento de Estudos e Pesquisas do Ministério do Turismo (MTur), em 2014, cerca de 17,7 milhões de brasileiros viajaram pelo país levados pela fé. E cerca de 10 milhões de pessoas fizeram viagens sem pernoitar no destino (excursionistas), e outras 7,7 milhões permaneceram pelo menos uma noite no local (Ministério do Turismo, 2015c).

Rinschede (1992: 652) explica que, atualmente, o turismo religioso está intimamente ligado ao turismo cultural e de férias. Geralmente, para quem participa de viagens e peregrinações organizadas, há um dia planejado na programação para que os peregrinos também possam fazer excursões pela área ao redor da festa, santuário ou local de visitação religiosa.

O desenvolvimento das práticas religiosas é um importante fator na determinação de locais com potencial turístico. Nesse sentido, o Brasil, onde a fé católica é predominante, possui um número bastante significativo de locais religiosos que atraem viajantes de todo tipo: peregrinos, romeiros, pessoas atraídas pela cultura do espaço religioso, etc (Dias & Silveira, 2003: 15).

Entretanto, na maior parte das localidades, a infraestrutura para receber os visitantes ainda é precária e não atende as necessidades dos turistas. Nos locais onde existem santuários ou ocorrem manifestações religiosas há pouca compreensão do potencial econômico de visitas periódicas.

Stausberg (2011 como citado por Giumbelli, 2018) expõe que as categorizações que incidem sobre o terreno do turismo religioso são complexas. Não é a estrutura turística que determinará o modo como os viajantes se identificam, porque em alguns casos, o indivíduo não quer se identificar como peregrino, mesmo que esteja fazendo o papel de um, e em outros casos, os viajantes se auto titulam peregrinos pela motivação da viagem, mas não fazem a peregrinação.

Com relação ao aspecto organizacional, o turismo religioso subdivide-se em romaria, peregrinação e penitência.

[...] por romaria entende-se o deslocamento de livre vontade a lugares sagrados e sem pretensões de recompensas materiais ou espirituais; a peregrinação compreende os deslocamentos a lugares sagrados objetivando o pagamento de promessas anteriormente feitas a espíritos bem-aventurados e, por último, a penitência, ou a viagem de reparação, que compreende os deslocamentos a lugares sagrados, cujo objetivo é redimir-se dos seus pecados em uma viagem de arrependimento (Jaluska & Junqueira, 2012: 340).

Apesar do turista ser considerado o “grande estrangeiro, porque ele não faz parte do mesmo ciclo de motivações que mobiliza o peregrino e a comunidade (Alves, 2014: 86)”,

[...] o turista religioso, este apresenta semelhanças com os peregrinos, pois ambos compartilham uma crença religiosa e gastam a maior parte do tempo no espaço religioso objeto da visitação. Por outro lado, parecem-se mais com os verdadeiros turistas, sendo a motivação religiosa um pretexto para a realização da viagem, aproveitando-a para visitar outros lugares de interesse cultural e recreativo (Dias & Silveira, 2003: 23).

Giumbelli (2018: 26) ressalta que “o religioso já não é suficiente ou pertinente para estipular o destino de uma peregrinação. [...] As noções de sagrado e de espiritual precisariam ser adotadas para dar conta dessas transformações”. Essa categorização é apresentada pelo autor como uma ideia de “turistificação” que é apreendida como recurso.

E ainda,

[...] lugares religiosos que são transformados – com ou sem a colaboração de autoridades religiosas – em destinações turísticas. Museus dedicados à religião ou mantidos por instituições religiosas são cotejados por parques temáticos nos quais a religião torna-se o foco. Espetáculos cujo tema é a religião fazem parte da programação cultural de algumas cidades. Há muitos exemplos de como turismo e peregrinação podem se misturar, como no caso de pessoas que viajam de volta a seus locais de origem (*diaspora tourism*) (Giumbelli, 2018: 25).

Timothy e Olsen (2006) citado por Giumbelli (2018), questionam a pertinência das motivações como critério para distinguir o peregrino do turista.

Muitas pessoas viajam para uma variedade cada vez maior de locais sagrados [...] porque têm interesse educacional em aprender mais sobre a história de um local ou entender uma fé religiosa específica e sua cultura e crenças, em vez de serem motivadas apenas pela busca de prazeres ou crescimento espiritual. [...] Assim, falamos de tipos de turistas e não se uma motivação é mais importante que outra na definição de um turista. Desta perspectiva, então, um “peregrino” é um turista (turista religioso) motivado por fatores espirituais ou religiosos (Giumbelli, 2018: 26) (tradução nossa).

Steil (2003) citado por Alves (2014: 87), esclarece que não se pode demarcar uma linha divisória entre turistas e peregrinos, uma vez que, dada a complexidade do fenômeno, existe “uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa, de modo que se toma muito difícil saber se estamos diante de um turista ou de um romeiro”.

Condicionar a compreensão do fenômeno do turismo religioso ao entendimento da motivação das viagens é reduzi-lo excessivamente. As motivações se transformam durante e, principalmente, depois da viagem, não se configurando como estáticas, mas advindas da função de estímulos externos, que se diversificam e se misturam às multiplicidades das experiências. É nessa temporalidade que os estudos do turismo religioso devem se adentrar, vendo-os como fenômeno de interação (Alves, 2014: 88).

O turismo religioso também se destaca na área econômica, uma vez que os peregrinos e turistas consomem bens e serviços. E ainda, faz com que surjam atividades paralelas às atividades religiosas, como comércio ambulante e outros atrativos de diversão. Rinschede (1992) comenta que o desenvolvimento econômico das cidades que são destinos de peregrinos está ligado ao crescimento do fluxo de turistas atraídos pela religiosidade. “Para as necessidades dos peregrinos, vários ramos econômicos se estabelecem, como em todos os locais turísticos, além das diversas instalações religiosas” (Rinschede, 1992: 64).

O centro religioso, geralmente está em um local aberto onde os peregrinos podiam se reunir e com isso, vários outros estabelecimentos vão se instalando ao redor desse centro. Esses estabelecimentos cercam o lugar sagrado que, inicialmente, estavam livres de atividades comerciais. São exemplos: mosteiros, hospitais, lojas de *souvenirs*, agências de viagens, estacionamentos e demais.

Como Natividade pode atrair desenvolvimento local por meio do turismo religioso, tanto para a região e para quem participa de suas festividades?

3.3. Turismo Religioso em Natividade: é possível?

Correlacionando as ações necessárias por parte dos atores sociais para o desenvolvimento do turismo religioso, tem-se a teoria da ação social apresentada por Guy Bajoit (2006), em que

[...] os compromissos que o indivíduo assume para consigo mesmo, e, portanto, a “ideia” ou a “imagem” que ele tem da sua identidade, nunca são completamente (in)conscientes nem (in)voluntárias. [...] a “ideia” que ele tem de si mesmo não é imutável, mas dinâmica, em constante evolução, em readaptação permanente. [...] aqueles que ocupam a mesma posição numa relação social participam da mesma identidade coletiva (Bajoit, 2006: 233).

Partindo dessas motivações, as ações desenvolvidas por diversos atores são fundamentais para o fomento do turismo religioso em Natividade, principalmente a comunidade local, que desenvolve ações e projetos por meio de suas associações, que além de cuidar do patrimônio e cultura local, são base de informação e de construção da história e memória do lugar.

Em agosto de 2014, uma iniciativa por parte do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no Tocantins resultou em um Diagnóstico da Romaria do Senhor do Bonfim, que tinha como objetivo fomentar o turismo religioso no município de Natividade, por meio de uma ação educativa voltada ao setor comercial da cidade. Na época, cursos, oficinas, palestras e consultorias foram realizados especificamente para sanar as necessidades encontradas nessa análise, visando aprimorar e impulsionar o setor turístico do estado com excelência (Faet Rural, 2014).

Foram entrevistadas 345 pessoas para diagnóstico do perfil de turistas e 105 comerciantes para diagnóstico do perfil de pequenos negócios. Dados do relatório mostram que, na Romaria do Senhor do Bonfim, que acontece na primeira quinzena de agosto, a maioria dos romeiros são turistas (52%), vem acompanhados de suas famílias (60%), se desloca em veículo próprio (57%), pernoita na cidade (63%) entre 2 e 4 dias, se hospeda em casa de amigos ou parentes (37%) ou em acampamentos (34%), onde apenas 7% ficam hospedados em hotéis ou pousadas.

Sobre a motivação da viagem, 37% relataram que estariam pagando promessa e, desses, 74% receberam um milagre. A principal reclamação do público no perfil de turistas estava relacionada à infraestrutura da festa, sendo que 50% dos entrevistados consideram os banheiros e a limpeza do evento como ruins.

Além dos festejos religiosos, a romaria reúne comerciantes de diversas partes do país que aproveitam a concentração de fiéis para vender roupas, sapatos, artesanatos, artigos religiosos e alimentos.

Outro dado relevante desse relatório, acerca do turismo religioso para a Romaria do Senhor do Bonfim, é que cerca de 49% dos comerciantes não residem no Tocantins e 51% dos entrevistados não compram suas mercadorias no estado, o que gera preocupação quanto à movimentação da economia. Os comerciantes também se queixaram quanto à infraestrutura da festa, como as acomodações, limpeza e banheiros, porém a principal queixa (80%) é quanto às taxas pelo espaço para comércio, que variam de R\$ 30,00 a R\$ 800,00.

A avaliação da infraestrutura básica e turística de Natividade, na visão dos turistas e excursionistas, na comunidade do Bonfim, foi que o meio de hospedagem no local está entre regular e ruim (67%), os restaurantes disponíveis estão entre regular e ruim (75%), o posto médico disponível está regular para 42% dos entrevistados e o transporte intermunicipal até o local da festa está entre regular e ruim para 62% dos visitantes.

Por esse diagnóstico, nota-se que a região e suas festas atraem pessoas e movimentam a economia local, mas não há estrutura adequada e satisfatória, nem para os turistas e nem para os comerciantes que ali estão.

4. Considerações

Percebe-se que, apesar de Natividade ser uma cidade que possui atrativos culturais e religiosos, durante quase todo o ano civil, a cidade mantém a economia ativa, devido ao setor de serviços públicos.

As festas religiosas na cidade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam todos os anos para manter essas tradições, fazendo com que essas festividades tornem-se uma característica local, ou seja, reforçando e/ou reconhecendo ali uma identidade do lugar.

Sabe-se também que o homem se torna o resultado do meio em que foi socializado e adquire a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los adequando a sua atual condição na sociedade, passando a agir com fluência na promoção de uma identidade por meio de suas manifestações culturais.

Em Natividade não há como seguir um modelo e apenas aplicá-lo, como se fosse a solução para o desenvolvimento regional. Essa vontade e disposição para o desenvolvimento da cidade/região necessita partir da comunidade como um todo e todos seus atores sociais. Não basta apenas meia dúzia de comerciantes lutarem por espaço, o poder público também tem que contribuir para identificar e apoiar, por meio das políticas públicas e as ações para transformar a região, sem afetar suas características principais, não apenas aproveitar “produtos prontos” pelos agentes externos,

Todos que participam das festas religiosas atuam como atores sociais, seja por motivos religiosos ou não, compartilhando as decisões e estabelecendo as relações sociais necessárias para o desenvolvimento local. Com isso, acredita-se que será por meio das festas religiosas de Natividade que o turismo religioso tomará corpo e receberá ações dos atores sociais envolvidos, para a construção de um modelo de desenvolvimento local.

Bibliografia

- Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do estado do Tocantins [ADETUC] 2019. Desenvolvimento do Turismo. Palmas. Recuperado em 19 de outubro 2019, de.
- Agência Sebrae de Notícias do Tocantins [ASN/TO]. 2019. Programa Investe Turismo é lançado no Tocantins. Palmas. Recuperado em 03 de julho 2019, de.
- Alves, M. 2014. Peregrinos e turistas: diferentes modos de ser e viver o mundo. *Estudos de Sociologia*. v. 1, n. 14, pp. 75-93. Recuperado em 02 de julho 2019, de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235355>
- Bajoit, G. 2006. Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Lisboa: CEOS.
- Barbosa, F. 2005. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. *Caminhos da Geografia (UFU)*, v. 6 n. 14, pp. 107-114. Recuperado em 02 de julho 2019, de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15380>
- Beltrão, L. 1980. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez.
- Boll, A., Oliveira, M. 2005. A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Taubaté. *8ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, Teresina. Recuperado em 02 de julho 2010, de: http://enceicom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo_Armando_e_Marcelo.pdf

- Ministério do Turismo [MTUR]. 2015a. Programa de Regionalização do Turismo: Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro. Brasília. Recuperado em 15 de maio 2018, de <http://www.turismo.gov.br/sem-categoria/5854-categoriza%C3%A7%C3%A3o-dos-munic%C3%ADpios-das-regi%C3%B5es-tur%C3%ADsticas-do-mapa-do-turismo-brasileiro.html>.
- Ministério do Turismo [MTUR]. 2015b. Municípios são agrupados em cinco categorias. Brasília. Recuperado em 15 de maio 2018, de <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5405-munic%C3%ADpios-tur%C3%ADsticos-brasileiros-s%C3%A3o-agrupados-em-cinco-categorias.html>.
- Ministério do Turismo [MTUR]. 2015c. Turismo religioso continua em alta no Brasil. Brasília. Recuperado em 15 de maio 2018, de <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/712-turismo-religioso-continua-em-alta-no-brasil.html>
- Canclini, N. 2015. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Dias, R., Silveira, E. 2003. Turismo religioso: ensaios e reflexões. Campinas: Editora Alínea.
- Durkheim, E. 2008. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. 3ª Ed. São Paulo: Paulus.
- Faet Rural. 2014 SENAR e SEBRAE apresentam diagnóstico sobre turismo religioso para o Bonfim. Recuperado em 10 de agosto 2017, de <http://www.faetrural.com.br/noticias-659-senar-e-sebrae-apresentam-diagnostico-sobre-turismo-religioso-para-o-bonfim.html>.
- Farias, E. 2005. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. *Soc. estado*, v. 20, n. 3, p. 647-688. Recuperado em 16 de agosto 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000300007&lng=en&nrm=iso
- Fontes, S. 2019, Setembro 20. Propostas para o desenvolvimento da região das Serras Gerais por meio do turismo são apresentadas durante Fórum. Portal do Tocantins. Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://portal.to.gov.br/noticia/2019/9/20/propostas-para-o-desenvolvimento-turistico-da-regiao-das-serras-gerais-sao-apresentadas-durante-forum/>
- Giumbelli, E. 2018. Religious Tourism. *Religion and Society: Advances In Research*, v. 9, p. 24-38. doi:10.3167/arrs.2018.090103
- Hall, S. 2002. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ª ed. Editora DP&A: São Paulo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. 2019. Natividade – Panorama. Rio de Janeiro. Recuperado em 25 de outubro 2019, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/natividade/panorama>
- Jaluska, T., Junqueira, S. (2012). A utilização dos espaços sagrados pelo turismo religioso e suas possibilidades como ferramenta auxiliar para o estabelecimento do diálogo entre as nações. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, Vol. 14 - n° 3 - pp. 337–348. Recuperado em 15 de maio 2018, de <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/3142/2402>
- Lima, S. 2019, Junho 18. Com foco no turismo, UFT Social é apresentado em Dianópolis. Notícias – Universidade Federal do Tocantins. Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/25601-com-foco-no-turismo-uft-social-e-apresentado-em-dianopolis>
- Lopes, J., Pereira, A. 2017. Patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local: Estudo de caso da Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.2, p. 45-60.
- Machado, W. 2019, Abril 22. Potencial turístico das Serras Gerais é tema de evento em Palmas. Secretaria da Comunicação – Governo do Tocantins. Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://secom.to.gov.br/noticias/potencial-turistico-das-serras-gerais-e-tema-de-evento-em-palmas-437848/>
- Martinelli, D., Joyal, A. 2004. Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas. Barueri, SP: Manole.
- Matos, J. 2017, Outubro 25. De Natividade, dona Romana comenta inspiração para personagem televisiva. Jornal do Tocantins. Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/de-natividade-dona-romana-comenta-inspira%C3%A7%C3%A3o-para-personagem-televisiva-1.1378559>
- Melo, J. 2000. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. *Libero*. Ano III, V. 3, n° 6, 2000, p. 56-63.
- Moreira, A. 2019, Junho 29. Conheça Natividade, cidade-cenário da série ‘O Escolhido’ da Netflix. O Estado de São Paulo (Estadão). Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,conheca-natividade-cidade-cenario-para-a-nova-serie-da-netflix,70002894630>
- Oliveira, M. 2016. Desenvolvimento econômico: análise espacial da Região Oeste de Paraná. Curitiba: Appris.
- Pedreira, J. 2016. Romaria do Senhor do Bonfim/Natividade – TO. Porto Nacional: R&M Gráfica e Editora.

- Pimenta, C., Pereira, S. 2017. Turismo e Desenvolvimento: outros caminhos. Porto Alegre – RS: CirKula.
- Prazeres, J., Carvalho, A. 2015. Turismo Religioso: Fátima no Contexto dos Santuários Marianos Europeus. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Vol. 13 N.º 5. pp. 1145-1170.
- Rinschede, G. 1992. Forms of Religious Tourism. *Annals of Tourism Research*, Vol. 19, pp. 51-67.
- Saarinén, J. 2016 Editorial: Tourism and development. *Fennia: International Journal of Geography*, Volume 194, Number 1, pp. 1-2(2). doi: <https://doi.org/10.11143/50999>
- Santana Jr, J. 2017, Novembro 1. Joias de Natividade são destaques nos acessórios de personagens da novela O Outro Lado do Paraíso. Portal Tocantins. Recuperado em 28 de outubro 2019, de <https://portal.to.gov.br/noticia/2017/11/1/joias-de-natividade-sao-destaques-nos-acessorios-de-personagens-da-novela-o-outro-lado-do-paraiso/>
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [SEBRAE TOCANTINS]. 2013. Diagnóstico do segmento de Turismo Religioso na Romaria do Senhor do Bonfim – Natividade (TO), 44 p. Recuperado em 18 de Novembro 2018.
- Sen, A. 2010. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sousa, P. 2017. A festa do Divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade (TO). Editora Fi: Porto Alegre.
- Souza, J. 2012. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). *Boletim Goiano de Geografia*, v. 32, n. 2, jul-dez, pp. 219-238. Recuperado em 01 de agosto 2017, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127362013>
- Talavera, A. 2003. Turismo Cultural, Culturas Turísticas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 20, pp. 31-57.
- Terzidoua, M., Scarles, C., Saunders, M. 2018. The complexities of religious tourism motivations: Sacred places, vows and visions. *Annals of Tourism Research*. Volume 70, pp. 54-65.
- Turismo Tocantins. 2019. Serras Gerais. Recuperado em 19 de outubro 2019, de <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/serras-gerais/>
- Williams, R. 1992. Cultura. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Yúdice, G. 2004. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Notas

- ¹ Ver em <http://cod.ibge.gov.br/D76>
- ² Novela da Rede Globo, “O Outro Lado do Paraíso” teve sua cidade fictícia inspirada em Natividade. Ver em <https://bit.ly/35qzPrR>
- ³ As gravações do filme “O Barulho da Noite” foram realizadas em Natividade e região, além de contar com a presença de Foliões do Divino. Ver em <https://bit.ly/2Fr3Ihe>
- ⁴ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão, via streaming, sediada em Los Gatos, Califórnia, e que atualmente possui mais de 100 milhões de assinantes. A série “O Escolhido” é gravada na cidade. Ver em <https://bit.ly/2uhjOaS>
- ⁵ Esses dados são da memória de Leofácia Araújo, nativitana, que fez um resgate de todos os imperadores do ano de 1904 até o ano de 1980, para os arquivos físicos da Associação Comunitária Cultural de Natividade – Ascuna.
- ⁶ Em Natividade, ainda em meados da década de 1980, com a chegada de um novo pároco, Joatan Bispo de Macedo, a devoção ao Divino foi retomada em sua plenitude. Segundo informações dos devotos, por ser natural da região, ele se propôs a reinserir as folias na festa do Divino no município.
- ⁷ Essa construção sobre deslocamentos espontâneos de imagens de santos é comum, repetindo-se em várias narrativas, como por exemplo no Círio de Nazaré, em Belém - PA e Nossa Senhora Aparecida em São Paulo.
- ⁸ Pela Portaria nº 144, de 27 de agosto de 2015, que estabelece a categorização dos municípios pertencentes às regiões turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro.

Recibido: 03/03/2020
Reenviado: 28/06/2020
Aceptado: 18/07/2020
Sometido a evaluación por pares anónimos